

Ministério do Turismo e Museu de Arte Moderna de São Paulo apresentam

mam

**laboratório
de perguntas
para um
novo tempo**

O Laboratório de perguntas para um novo tempo, com Fábio Tremonte, aconteceu durante quatro segundas-feiras do mês setembro de 2020, durante os programas Arte e Ecologia e Contatos com a Arte, desenvolvidos pelo **mam educativo** do Museu de Arte Moderna de São Paulo.

Em tempos de pandemia, quarentena e distanciamento social, recebemos o convite para aguçarmos a curiosidade e o olhar tanto para o mundo presente quanto para um futuro próximo, de maneira que pudéssemos imaginar que mundo está por vir.

Ao conhecimento presente na escola e aqui no museu, foram adicionadas imaginações e saberes não humanos, a partir da realização de propostas e do compartilhamento das práticas e reflexões dos participantes.

Durante os encontros, diversas perguntas sobre sonhos, cotidiano, existência, corpo e outros tantos assuntos foram abordados. A seguir, um pouco de como foram esses dias:

No primeiro encontro do Laboratório, fizemos uma leitura do texto *Imaginar gestos que barrem o retorno da produção pré-crise*, de Bruno Latour, o qual trata de aspectos sobre a globalização no contexto da pandemia. Tomamos o texto como referência para elaborar nossas primeiras perguntas. Cada participante criou e compartilhou em voz alta cerca de três perguntas, compiladas, então, em um arquivo compartilhado. Após esta ação, Fábio propôs que durante a semana

que se seguia pensássemos em nossos sonhos, ou seja, nas coisas, seres e situações que neles aparecessem, e que criássemos um desenho, um texto ou uma lista das coisas que neles se repetiram. A partir desse material, cinco ou mais perguntas de qualquer tipo deveriam ser elaboradas.

Passada a semana, encontramos-nos novamente na segunda-feira no Laboratório, com as perguntas relacionadas ao universo dos nossos sonhos. As instruções iniciais foram as seguintes: cada participante deveria abrir em seu computador ou celular o documento com as perguntas criadas na semana anterior. Em seguida, deveria escolher no documento as perguntas produzidas no primeiro encontro que poderiam se relacionar com as novas perguntas. E por fim, cada integrante do grupo deveria transcrever as perguntas novas no documento, abaixo das perguntas escolhidas. Por exemplo, uma das perguntas trazidas para o segundo encontro, “Gostou do cheiro que sentimos durante toda manhã?”, foi adicionada no documento logo abaixo da pergunta “O que você cozinhou hoje?”, que havia sido produzida no primeiro encontro e, portanto, já se encontrava no documento.

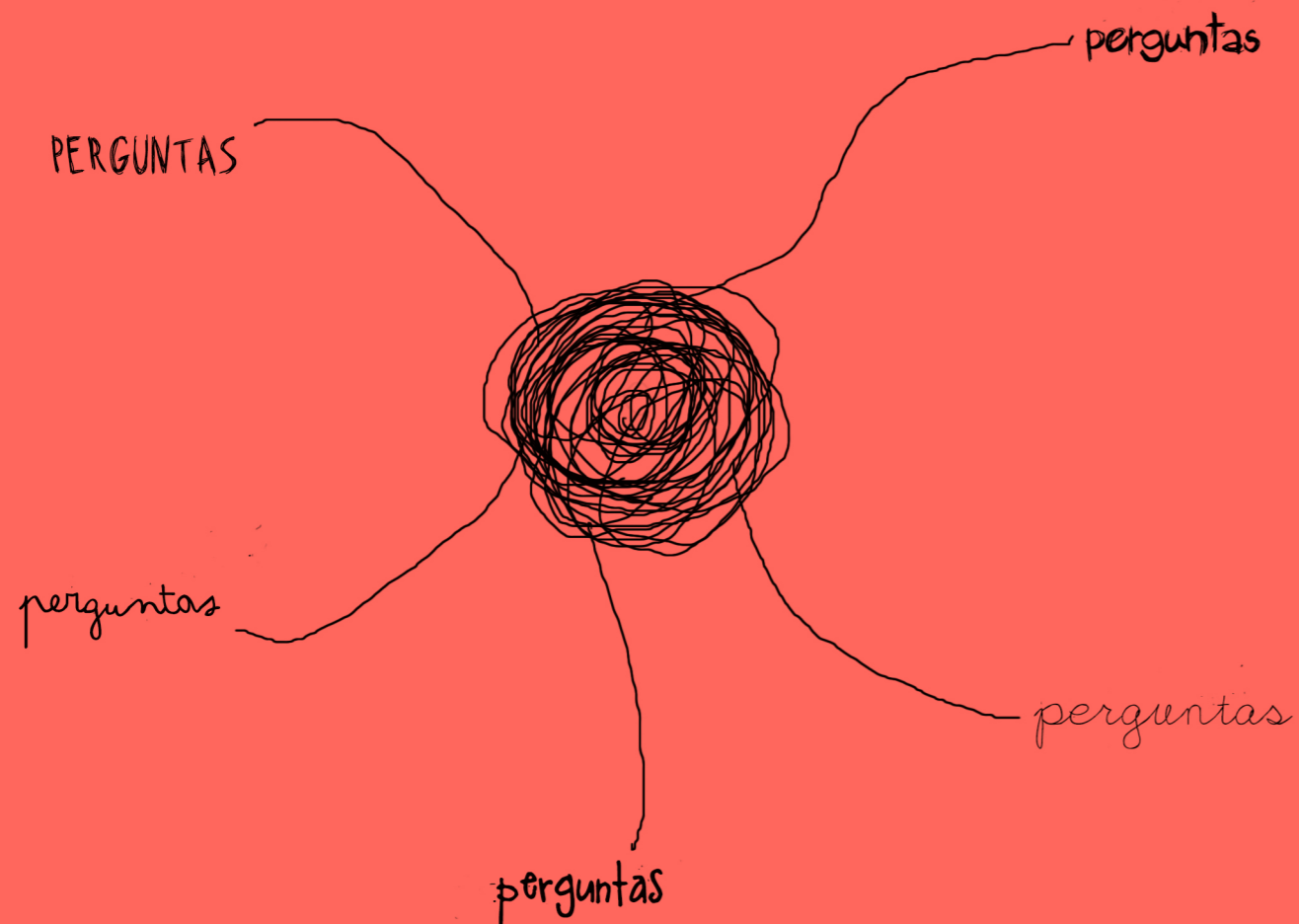
Após adicionar as novas perguntas, mapeamos colaborativamente eixos temáticos que apareceram com maior frequência nas perguntas. E foram os seguintes:

criança tradicionalismo x protagonismo educação aprendizagem	sentimento emoção saúde libido	memória lembrança ancestralidade história símbolo
encontro coletividade afeto	educação aprendizagem outros saberes	ancestralidade corpo espiritualidade afeto
cotidiano tempo	tecnologia ciência tradução	
meio ambiente natureza	quarentena confinamento pandemia	delírio sonho fantasia fabulação símbolo tradução
trabalho produtivismo capitalismo tempo		

Uma vez criados os temas, iniciou-se um processo de edição individual. Cada participante criou um novo documento de texto, e nele copiou as perguntas do documento compartilhado, distribuindo-as entre os eixos temáticos. Esta ação estendeu-se para um novo documento produzido e compartilhado entre os participantes distribuídos, agora, em quatro subgrupos, cada qual responsável por três eixos, aproximadamente. Continuamos a curadoria coletivamente. As possibilidades de conexão entre as perguntas e os eixos temáticos são variadas, e o processo de edição é longo, por isso a sua organização tornou-se tarefa dos dois últimos encontros. Em todos os encontros do Laboratório, conversamos sobre o processo de curadoria colaborativa que se deu, no qual a noção de autoria foi revirada e diluída. Inevitavelmente, também falamos muito sobre os tempos que vivemos, criando um espaço de acolhimento e elaboração, mais do que simples formulação de perguntas. Pensamos muito sobre como seria compartilhar esse processo experienciado pelo grupo:

Como torná-lo público, então?

Portanto, nossa escolha foi transpor as perguntas criadas e editadas pelos subgrupos, exatamente na ordem em que foram inseridas no documento de texto colaborativo. É possível observar que algumas aparecerão mais de uma vez, ao longo da transposição, por conta disso. Seguem, então, as perguntas desenvolvidas durante o Laboratório.



O que as crianças se lembrarão desse período?

Como ouvir e sentir as crianças do porvir, se estamos distanciados?

O que você gostaria de deixar?

Onde estão as crianças no período da pandemia?

É possível resgatar o sabor e o cheiro da infância? Como desfrutar desses sentidos, desses prazeres?

O que quero aprender com as crianças?

Seria possível manter a ousadia e a inventividade das infâncias a todo instante?

Inventar a realidade é mais simples para as crianças?

A saúde mental das crianças não deveria ser um eixo a ser cultivado?

Como podemos adequar o ensino para crianças com deficiência, tendo em vista que o necessário para muitas, é o apoio individualizado/presencial, amparado pelo contato humano?

De que forma será o encontro coletivo, a interação, das crianças atípicas com o meio e com outras crianças?

Quais serão os impactos emocionais e neurológicos para as crianças no pós pandemia?

Como a criatividade prospera em contextos restritos ou em situações de conflito?

Como resguardar a infância nessas situações tão restritas da pandemia? Os sonhos podem ser um lugar seguro?

Nos retirar foi uma pergunta para saber se queríamos estar?

Vale a pena manter contato seja como for? Manter relações distanciadas valem a pena?

Será que os encontros terão mais presença e dedicação? Estar é feito de ausências?

Conseguiremos sair de uma postura anestesiada e sermos mais ativos no cotidiano?

Como fazer junto estando separado?

O que você gostaria de deixar?	Como construir ações coletivas que construam outros testemunhos?	Como não surtar?	O que você cozinhou hoje?
O medo de perder pessoas queridas pode ser amenizado?	Como se mover em direção a isso?	O tempo tem pó, poeira de um antes, ferrugem de um agora, uma ventania de amanhã?	Cozinhei feijão tropeiro, e você?
Das coisas que chegaram no nosso cotidiano pandêmico, quais delas não serão mais possíveis de se desfazer?	O que fazer diante de um bicho desconhecido? Qual é o limite do impossível?	Continuaremos em espirais barrentas, fazendo brotar miúdos que nem vemos?	Quem lava a louça?
Como será nossa relação com os outros agora?	Como lidar afirmativamente com a precariedade que nos constitui?	O que fazer com o que não faz mais sentido?	Gostou do cheiro que sentimos durante toda a manhã?
Como serão nossos encontros coletivos?	Como fomentar novas práticas de convivência social?	Como metabolizar a frustração de perceber a repetição de ideias e experiências antigas, retrógradas e fracassadas que barram um desejado crescimento da sociedade rumo a um mundo mais justo?	O tempo é um material humano que está dentro ou fora do corpo?
Aceitar o não-saber poderia ser um princípio de sobrevivência?	Os modelos sociais pré-pandemia podem valer para a pós-pandemia?	De que modo podemos ousar a invenção da vida? Sem tantas normas e formas? Como criar espessuras no presente e entre presenças?	Você conhece algum instrumento, mecanismo ou tecnologia que possa parar o tempo?
O que é dedicação?	Como trabalhar colaborativamente no plano da sensibilidade no campo virtual?	Quais as esperanças, agora suspensas, você gostaria de ter de volta? Quanto tempo até usar uma cadeira de praia em sua plenitude?	Quanto tempo dura a reconstrução de si?
O que é presença?	O que a falta de deslocamento nos trouxe de positivo?	Continuamos perdendo a hora?	Preciso entender de tudo?
Como pensar na reformulação do coletivo se uma parte considerável do meio político atual parece continuar a sua onda egoísta e fascista, com sua preocupante influência?	O que disso vale a pena manter?	Até quando vamos precisar implorar por reconhecimento?	Quais alimentos você não deixaria apodrecer na geladeira?
Como reformular o que percebemos como político?	Das coisas que chegaram no nosso cotidiano pandêmico, quais delas não serão mais possíveis de se desfazer?		Você tem dormido direito?
Como nutrir o acaso?	O que eu fiz hoje que eu poderia ter feito diferente?		Quais dinâmicas você se propõe antes de repousar?
Como estar disponível e aberto para os encontros?	Quem deixou o cabelo no ralo?		Quais dispositivos e medidas que podemos criar em casa para alterar nosso ciclo de produção de lixo e melhorar nosso modo de cultura alimentar?

Como fomentar que os frutos que estão sendo dinamizados saiam cada vez mais com um registro sustentável/ marca verde, que zele nos elos entre os cadenciados?

Sabendo-se dos benefícios de determinada medicina da floresta como podemos instaurar ações de maior impacto que estimulem a legitimação social de seus usos? Pensando o mundo como um adolescente que se recusa a crescer, qual seria o tamanho ideal do meu (pequeno) ecossistema para que a minha atuação como forma de impulsionar amadurecimento, mudança e conscientização fosse relevante?

Visto que o capitalismo parece ter “engolido” o conceito de Sustentabilidade, ela ainda pode ser um meio eficiente de conscientização, ou seu conceito e prática precisam de reformulados?

O que é sustentabilidade?

As águas barrentas das Marianas se tornariam limpas, sem urubus caçando os mortos?

O que as pedras tem a nos dizer?

As locomotivas da natureza e dos animais continuam a todo vapor. Será?

Os animais e as plantas estão morrendo!!!! O que podemos fazer para impedir?

Uma jabuticabeira pode ajudar a senti-las?

Diante da agitação urbana é possível se conectar à natureza, de um modo equilibrado, fazendo os gestos-barreiras?

Quais alimentos você não deixaria apodrecer na geladeira?

Onde eu armazeno a sujeira?

Que horas o despertar toca?

O tempo tem pó. Poeira. de um antes, ferrugem de um agora, uma ventania de amanhã?

A sujidade do mundo poderia ser lavada e enxugada?

Quem deixou o cabelo no ralo?

Quando foi a ultima vez que você viveu um tranbordamento? Qual a maior ilusão que o sistema capitalista criou, e que cada um de nós, individualmente, assumimos como uma verdade importante?

Como estimular a salubridade nos processos éticos para maturar uma virada para a integridade no uso das tecnologias?

Como pensar na reformulação do coletivo se uma parte considerável do meio político atual parece continuar a sua onda egoísta e fascista, com sua influência preocupante?

Como reformular o que percebemos como político?

Seria possível viver numa sociedade de trocas das necessidades, incluindo as benzedadeiras e os rezadores e os muitos que somos e quem(s) somos?

Visto que o capitalismo parece ter “engolido” o conceito de Sustentabilidade, ela ainda pode ser um meio eficiente de conscientização, ou seu conceito e prática precisam de reformulados?

O capitalismo se apropriou de nossas vidas em qual momento?

Como TRANSFORMAR atividades e trabalhadores e empresas e espaços que tenham entrado em crise/falência/irrelevância em ação ou campo de cuidado comum de alimentação, proteção, amor, sono, prazer e outras necessidades elementares?

De que forma é possível escapar de uma metodologia e lógica pré-crise?

Qual é e como a arte se relaciona com nosso novo normal e a forma de interação humana nesses tempos de pandemia?

É preciso abandonar a produção como princípio de relação com o mundo ou hackear o princípio de produção?

Como hackear a produção?

É a produção ou a relação que muda o mundo?

Qual o meio de transporte para nos mudarmos para o mundo? Como frear a busca por produtividade nesses tempos remotos?

É possível abandonar certas produções e hábitos e não trocá-los por novos que também se tornem nocivos?

Como estabelecer uma convivência social, agregando valor e entendimento para a população mundial que os modelos sociais pré Pandemia não valem para pós Pandemia?

Por que, como sociedade, preferimos correr o risco de morrer a correr o risco de perder tudo, inclusive a vida, mas fazer uma revolução anti-capitalista nesse processo?

Onde ficarão as individualidades das relações na educação, quando o novo sistema tornou tudo pasteurizado, digital e remoto?

Haverá tempo de inatividade depois do período pandêmico ou as máquinas voltarão a funcionar na velocidade inoperante de antes?

Qual a maior ilusão que o sistema capitalista criou, e que cada um de nós, individualmente, assumimos como uma verdade importante?

Por que parece que não deixamos os modos de agir de antes da pandemia?

Como aproveitar a suspensão para sair da lógica da escola reprodutiva/repetitiva?

Continuamos perdendo a hora? Até quando vamos precisar implorar por reconhecimento?

Visto que o capitalismo parece ter “engolido” o conceito de Sustentabilidade, ela ainda pode ser um meio eficiente de conscientização, ou seu conceito e prática precisam de reformulados?

Dissolver e desarticular: discussão sobre quem vai ocupar o espaço. O capitalismo se apropriou de nossas vidas em qual momento?

O que é sustentabilidade?

Você tem chorado?

É possível abandonar certas produções e hábitos e não trocá-los por novos que também se tornem nocivos?
Vivemos em submarinos?

A confusão da realidade vivida, manifestada no sono, nos acorda em busca de uma nova perspectiva?

É possível desconectar-se nos dias atuais?

Quando sonho não me desconecto?

Silenciar é apaziguar?

É justo resignificar a dor?

Poderemos contornar as válvulas de escape e ultrapassar o ressentimento?

Já choramos tudo o que resta?

Quem Está no Abrigo Do Mundo ?

Estamos bloqueados assistindo nosso cortejo?

O que é capaz de transformar o sentimento de medo e sua paralização em indignação propulsora de uma ação?

Como serão as relações amorosas pós Pandemia?

É possível sonhar?

Vidros, portas, janelas são uma representação que não somos mais livres?

Como incluir ferramentas como esta neste modo de nos relacionarmos, incluindo suas peculiaridades?

Como trabalhar colaborativamente e no plano da sensibilidade virtualmente?

Como vamos nos lembrar dos meses pandêmicos vividos em 2020 num futuro remoto?

Viveremos em submarinos? Vivemos em submarinos?

Viveremos em submarinos?

Quando pisarei no mar de novo?

Nos retirar foi uma pergunta para saber se queríamos estar?

Estar é feito de ausências?

Conseguiremos sair de uma postura anestesiada e agir no cotidiano?

E o erotismo?

Onde pode ser colocado?

De que maneira esse tempo de confinamento trouxe, contribuições ou dificuldades, no que se refere a sua saúde emocional?

Como digerir e transformar em nutrientes o fogo dos acontecimentos que caíram em cima de nossas cabeças?

Enxerga na Arte um acolhimento à sanidade e situação emocional?	Gostou do cheiro que sentimos durante toda a manhã?	Você tem dormindo direito? Quais dinâmicas você se propõe antes de repousar? Você tem chorado?	O aprender acontece pelo descobrir, pelo vivenciar. Assim sendo, como proporcionar um despertar aos professores e pais valorizando a construção do saber próprio das crianças?
Já choramos tudo o que resta?	Você fez amor hoje?	As relações familiares podem ser ressignificadas?	
O que é capaz de transformar o sentimento de medo e sua paralização em indignação propulsora de uma ação?	Quando vou beijar novamente?	Os encontros terão muito mais presença e dedicação?	Pensando o mundo como um adolescente que se recusa a crescer, qual seria o tamanho ideal do meu (pequeno) ecossistema para que a minha atuação como forma de impulsionar amadurecimento, mudança e conscientização fosse relevante?
Quanto vale um abraço?	Estou te beijando agora você sente?	O que é dedicação?	
Deixamos de sentir nosso corpo?	Em que medida a força do seu beijo faz o corpo responder?	O que é presença?	
Como medir a maior distância entre dois corpos?	O que será intolerável a partir do fim da quarentena?	O que pode o museu como lugar de encontro, de rever o formato do mundo, recriar suas memórias... ou inventar outras realidades?	Como criar um modelo educacional a distancia que sirva desde educação infantil até fase adulta?
O que pode um corpo? O que podem zilhões de corpos?	Como driblar a falta do encontro e a saudade que isso traz?	O que quero desaprender?	
Podemos construir um museu de guardados nossos?	E o erotismo?	Qual o verdadeiro sentido de saber?	De que forma é possível escapar de uma metodologia e lógica pré-crise? Seria possível viver numa sociedade de trocas das necessidades, incluindo as benzedeadas e os rezadores e os muitos que somos e quem(s) somos?
É possível resgatar o sabor e o cheiro da infância?	Onde pode ser colocado?	Como respostas aparecem?	
Como negociar subjetividade, desejo e necessidade de subsistência nos gestos de barreira?	Como manter o movimento vivo para que o corpo (e a memória) continuem frescos?	Por que o ensino é tão pouco valorizado?	
De que maneira esse tempo de confinamento trouxe contribuições ou dificuldade, no que se refere à sua saúde emocional?	Em que medida amar a nós mesmos é um ato de coragem?	Até quando vamos precisar implorar por reconhecimento?	Quando olharemos para os povos originários como possibilidade real de futuro e tecnologia ancestral?
	Coração em ação, nesta sociedade as emoções são postas com menor aceitação, qual foi o preço do revide ao ser dominada por seus instintos mais viscerais?	Onde ficarão as individualidades das relações na educação, quando o novo sistema tornou tudo pasteurizado, digital e remoto?	De que modo podemos reinventar a vida sem tantas normas e formas?

Como criar espessuras no presente e entre presenças?	O que será intolerável a partir do fim da quarentena?	Nos retirar foi uma pergunta para saber se queríamos estar?	Que coisas que aconteceram que a gente já esqueceu, mas que rotornarão espreiadas pelas bordas do nosso corpo?
Se tomarmos o conceito de experiência como aquilo que nos atravessa e a estética como aquilo que nos constitui, como podemos experienciar esteticamente a arte e a natureza virtualmente?	Quais experiências serão esquecidas?	Estar é feito de ausências?	Manter contato seja como for, vale a pena?
Como estimular a salubridade nos processos éticos para maturar uma virada para a integridade no uso das tecnologias?	Das coisas que chegaram no nosso cotidiano pandêmico, quais delas não será mais possível se desfazer?Haverá tempo de inatividade depois do período pandêmico ou as máquinas voltarão a funcionar na velocidade inoperante de antes?	Conseguiremos sair de uma postura anestesiada e agir no cotidiano?	Deixamos de sentir nosso corpo?
É possível desconectar-se nos dias atuais?	Como humanizar processos (relações) com a pandemia?	Quais as esperanças, agora suspensas, que você gostaria de ter de volta?	Como manter o movimento vivo para que ele (e a memória) continuem frescos?
Quando sonho não me desconecto?	Por que não alteramos os modos nocivos de agir que existiam antes da pandemia?	Manter contato, seja como for, sempre vale a pena?	O que é “sentir o mundo”?
O que podemos aprender sobre o uso do tempo nessa pandemia?	Que sonho (recorrente nesse período) queremos ver realizado?	Como driblar a falta do encontro e a saudade que isso traz?	Onde é a fragilidade de cada coisa?
E o que disso vale a pena preservar?	Como não surtar?	Quanto tempo até usar uma cadeira de praia no seu devido lugar?	O trem dos humanos parou a economia e a vida acelerada, as locomotivas da natureza e dos animais continuam a todo vapor, o que acontece?
O que podemos aprender nesse processo de dor e sofrimento da humanidade?	Enxerga na Arte um acolhimento à sanidade e situação emocional?	Quando pisarei no mar de novo?	O que pode o museu como lugar de encontro, de rever o formato do mundo, recriar suas memórias... ou inventar outras realidades?
O que a falta de deslocamento nos trouxe de positivo?	De que maneira esse tempo de confinamento trouxe, contribuições ou dificuldades, no que se refere a sua saúde emocional?	Como vamos nos lembrar dos meses pandêmicos vividos em 2020 num futuro remoto?	Podemos construir um museu de guardados nossos?
O que disso vale a pena manter?		As crianças se lembrarão?Como extrair desse processo de dor e sofrimento da humanidade, uma experiência positiva?	Quais são nossos guardados?
		Estamos dispostos a recomeçar as nossas vidas a partir de uma página em branco?	Nossas coleções particulares?

Existe lugar certo para guardar documentos?

O tempo tem pó. Poeira, de um antes, ferrugem de um agora, uma ventania de amanhãs?

Quando olharemos para os povos originários como possibilidade real de futuro e tecnologia ancestral?

O que você gostaria de deixar? Quem Está no Abrigo Do Mundo?

Deixamos de sentir nosso corpo?

Seria o corpo um palíndromo?

Quanto vale um abraço?

Como pensar a distância entre dois e entre muitos corpos?
O que pode um corpo?

Como manter o movimento vivo para o corpo e para as memórias?

Que coisas aconteceram que já esquecemos, mas que retornam espalhadas pelas bordas do nosso corpo?

Você tem se tocado?

E o erotismo?

Onde pode ser colocado?

Como será nossa relação com os outros agora?

Como serão nossos encontros coletivos?

O que é presença?

Onde estão, em tempos atuais, nossos ancestrais e nossas ancestralidades, histórico, culturais, mitológicas?

Aceitar o não saber seria um princípio para sobreviver?

O que vivemos é real?

Se eu sonho com a realidade, a realidade é um sonho?

Como fabricar sonhos?
Como intensificar os sonhos?

Tenho sonhado tudo de ponta cabeça, do avesso?

Por que não sinto o gosto no sonho?

Por que não tenho sonhado?

Porque eu não sonho de olhos fechados?

Como tenho sonhado de olhos abertos?

É possível sonhar?

Como manter a escrita e a existência dos sonhos de um mundo por vir?

Os sonhos são um lugar seguro?

Estamos correndo dentro da água perseguidos por tiros?

Percebi que eu não era eu, que minha casa não era minha casa, em quantos outros cenários, seres e coisas posso me reconhecer?

Quantas cabeças eu tenho?

Como ouvimos e sentimos as crianças do amanhã, se não podemos vê-las?

Com quais seres você já fez contato?

Vocês mergulhariam numa cachoeira em espiral?

Continuamos em espirais barrentas, fazendo brotar miúdos que nem vemos?

No meu sonho eu comia taturanas, e minha boca era atravessada como a de um pagé, o que fazer com a destruição causada pelo fogo?

O que as pedras e os orvalhos e as conchas tem a nos dizer?

Quando pisarei no mar de novo?

Vivemos em submarinos?

De que pesadelo (que nos deu mais medo) gostaríamos de acordar para sempre?

A confusão da realidade vivida, manifestada no sono, nos acorda em busca de uma nova perspectiva?

Você chegou ou continua procurando?

participantes

Adri Aguiar
Amanda Tavares
Amanda Santos
Ana Helena Grimaldi
Ariane Truppel
Barbara Ganizev Jimenez
Bianca Selofite
Carolina Diniz Bastos
Cristiana Nogueira
Cristiane Mesquita
Eduardo A. A. Almeida
Graziela Boaszczyk Dalcastagner
Hudson Freitas
Isabela Frade
Julia Rocha

Julia Saldanha
Juliana Godoy
Julyana Matheus Troya Melo
Lailana Krinski
Luana Andrade
Luciana Romão da Silva
Lucimar Bello Frange
Marcela Costa
Marcia Moraes
Marilia Scarabello
Mônica Lopes de Freitas
Paula Chieffi
Rita Marcia Furtado
Selma Pasin Denardi
Sheila Roberta Fabro Bertolini
Thais Graciotti
Vanessa Cristine Oliveira

créditos

ilustração

Julia Saldanha
desenho digital | 2020

patrocínio projeto
arte e ecologia



realização



Secretaria de
Cultura e Economia Criativa



SECRETARIA ESPECIAL DA
CULTURA

MINISTÉRIO DO
TURISMO



